



Classificação e caracterização de solos por meio de saberes tradicionais dos colonos do açude de Jaramataia – Alagoas

Classification and characterization of soils using traditional knowledge from the settlers of the Jaramataia reservoir - Alagoas

Jackson Belo PEREIRA¹ Cláudio José Godoi Silva de FARIAS²; José Wellington Lima da SILVA³; Julliana Rocha SANTANA⁴; Matheus Freitas de OLIVEIRA⁵.

¹Instituto Federal de Alagoas, Campus Batalha, discente do curso de Agroindústria; Bolsista pesquisa PIBIC/IFAL; e-mail: jackson.belo2001@gmail.com;

² Instituto Federal de Alagoas, Campus Batalha, discente do curso de Agroindústria; e-mail: claudioifalb@gmail.com;

³ Instituto Federal de Alagoas, Campus Batalha, Técnico em Agroindústria e-mail: wellingtonccb1234@gmail.com;

⁴ Instituto Federal de Alagoas, Campus Batalha, discente do curso de Agroindústria; e-mail: jullianasantanaa2010@gmail.com;

⁵ Instituto Federal de Alagoas, Campus Batalha, Mestre em Geografia / Docente EBTT, Avenida Governador Afrânio Lages, Centro – Batalha, CEP: 57420-000. e-mail: matheus.oliveira@ifal.edu.br;

*E-mail do autor principal: jackson.belo2001@gmail.com

Resumo - A etnopedologia considera saberes e fazeres gerados e transmitidos de geração a geração em comunidades tradicionais, relacionados aos valores simbólicos atribuídos aos solos. Mesmo que a vida do pescador seja associada à água, o Povoado São Pedro, do município de Jaramataia-Alagoas, também desenvolve atividades ligadas à terra, como plantio, criatório de animais, abertura de pastos, o próprio morar/habitar e o desenrolar do cotidiano, ancorados na síntese dialética entre terra e água. Esse trabalho objetivou compreender como a comunidade de pescadores constrói sua chave de identificação dos solos, elencando características quanto à produtividade, tonalidade, profundidade, altitude e usos diversos. Esses saberes podem subsidiar processos de planejamento e definições de políticas públicas para o uso sustentável dos solos do território pesqueiro. Metodologicamente, realizamos o levantamento bibliográfico sobre a etnopedologia com enfoque em comunidades tradicionais e suas cosmovisões sobre as tipologias de solo. Para obter a informação dessa variação realizamos a aplicação de entrevista semiestruturada associada à geoetnografia buscando compreender a relação entre o pescador e o seu solo, observando suas características e usos edáficos, pecuários e simbólicos.

Palavras-chave: Etnosolos. Empiria. Uso do solo

Abstract - Ethnopedology considers knowledge and practices generated and transmitted from generation to generation in traditional communities, related to the symbolic values attributed to the soils. Even though the fisherman's life is associated with water, the Povoado São Pedro, in the municipality of Jaramataia-Alagoas, also develops activities related to the land, such as planting, animal breeding, opening of pastures, living / living and the development of the everyday life, anchored in the dialectical synthesis between land and water. This work aimed to understand how the fishing community builds its soil identification key, listing characteristics



regarding productivity, tonality, depth, altitude and different uses. This knowledge can support planning processes and definitions of public policies for the sustainable use of the soils of the fishing territory. Methodologically, we carried out a bibliographical survey on ethnopedology with a focus on traditional communities and their worldviews on soil types. To obtain information on this variation, we applied semi-structured interviews associated with geoethnography, seeking to understand the relationship between the fisherman and his soil, observing its edaphic, livestock and symbolic characteristics and uses.

Keywords: Ethnosols. Empiria. Use of the soil

Introdução

Nascida da inquietação de compreender as cosmovisões das populações acerca de seu solo a Etnopedologia é uma disciplina híbrida estruturada na combinação das Ciências Naturais e Sociais, responsável em compreender a produção de saberes tradicionais acerca da dinâmica do solo e suas propriedades, envolvendo o manejo por meio da percepção de populações tradicionais sobre processos, classificação e relações solo-planta- usos (WILLIAMS, ORTIZ-SOLORIO, 1981; AUDEH *et al.*, 2011 e ARAUJO *et al.* 2013). A Etnopedologia como ciência que estuda os solos socialmente, não se configura apenas como possibilidade de reconhecimento empírico de tipologias de solos, mas possibilita o revelar geográfico de territorialidade em virtude com a aproximação com a comunidade na observância das relações da sociedade com seu espaço vivido.

Esse estudo buscou analisar as relações entre sociedade e solo, seus vínculos afetivos, além das relações de produção e articulação de saberes empíricos acerca da classificação dos tipos de etnosolos, que varia entre saberes científicos e saberes tradicionais, como discutem Araújo *et al.* (2013). A etnopedologia compreende que a proximidade nas relações espaciais em escala local dos homens e das mulheres com seus lugares, lhes permite gerar leituras espaciais próprias sobre os elementos que compõe a sua paisagem. O mesmo acontece com o solo, para além das propriedades físico-químicas, a empiria atribui novas correlações com as experiências do vivido e essa dimensão não está na forma-objeto, como detalha Santos (2008), sendo “necessário revelar, por trás dos sistemas de objetos, os sistemas de valores que embasam as ações dos diferentes agentes e grupos que produzem espaço” (SERPA, 2010, p. 136).

Entre as paisagens secas do Alto Sertão de Alagoas e a zona de transição semiúmida chamada de Agreste, está localizado solos pouco profundos sincronizados a lenta pedogênese características de áreas semiáridas. Nesse cenário a presença da água é escassa, sobretudo pelas baixas e irregulares chuvas, o que retarda o intemperismo das rochas e a formação de horizontes e camadas no solo (EMBRAPA, 2006).

Os solos dessa região conservam seus nutrientes e são baixos os usos de insumos danosos, porque as atividades desenvolvidas são basicamente de subsistência com base familiar, retrato da marginalização das precárias políticas públicas voltadas ao campesinato no Brasil.

Nesse contexto espacial encontra-se o município de Jaramataia-AL, onde está localizado a comunidade de pescadores artesanais da Colônia Z-29, às margens do maior lago de águas lânticas, artificialmente produzido pela atuação do Estado enquanto agente modelador do



espaço, como apontaram Oliveira *et al.* (2017). Nessa área, bordejando o açude como nos mostra a figura 1, encontram-se os povoados de Cágados, Campo Alegre, Assentamento Fé em Deus, São Pedro, que concentra a maior parte dos pescadores do território pesqueiro, e a sede do município de Jaramataia, segundo Pereira *et al.* (2018).

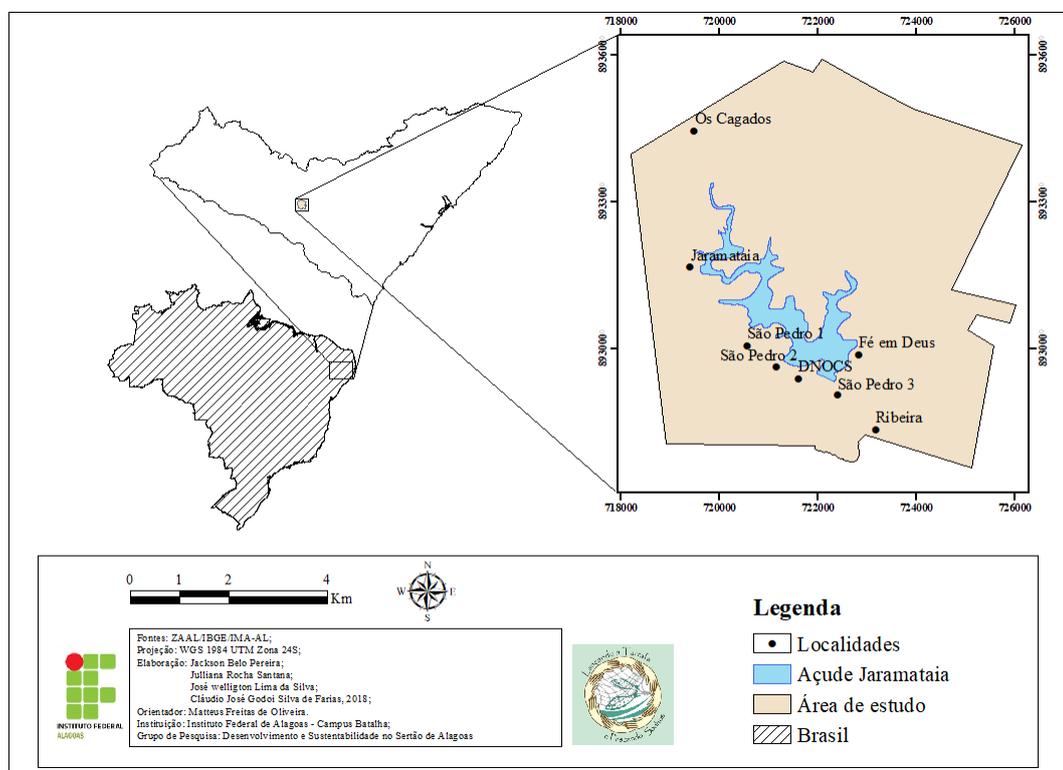


Figura 1: Localização do recorte da área de estudo às margens do açude de Jaramataia.

Fonte: ZAAL (2012), IBGE (2017) e IMA-AL (2011).

Elaboração: Pereira (2018).

Diferente da concepção capitalista que predomina em áreas urbanas, para Kuhn (2009), os pescadores artesanais possuem uma cosmovisão sobre os elementos da natureza, não a entendendo por seu valor de troca, mas articulam sentidos em torno do seu valor de uso, estabelecendo, assim, relações não capitalistas. Essas novas lógicas estão diretamente ligadas aos sentidos de ser pescador, visto que seus [...] conhecimentos têm um valor substancial para clarificar as formas como os produtores tradicionais percebem, concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir. [...] esse conhecimento sobre a natureza se converte em um componente decisivo para o esboço e implantação de estratégias de sobrevivência (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2010, p. 05).

A forma como os pescadores produzem e acessam saberes corresponde ao mesmo campo de percepção onde criam suas estratégias de sobrevivência, como pode ser verificado nas atividades realizadas em terra, com a diferenciação de usos e coberturas vegetacionais estudado por Farias *et al.* (2018) bem como nas diferentes formas de uso das águas, o que, no caso de Jaramataia, foi analisado por Soares *et al.* (2018).

Esse artigo visou discutir as relações empíricas que são estabelecidas pelos pescadores da Colônia Z-29 do povoado São Pedro às margens do Açude de Jaramataia-AL, em decorrência da particularidade das relações dialéticas entre terra e água mantidas pelos saberes



dos pescadores que na terra geram chaves de identificação das mesma, atribuindo-lhe critérios de percepção múltiplas como a textura, cor, porosidade, profundidade, localização, altitude entre outros fatores analisados.

Material e Métodos

Essa pesquisa teve suporte metodológico pautado em três eixos: a revisão de literatura, as metodologias participativas e as caminhadas transversais aplicadas em campo. Inicialmente foi realizado o levantamento bibliográfico para reconhecimento do campo de pesquisa e articulação das empirias e percepções geradas por comunidades tradicionais sobre os tipos e usos do solo. Conceitos tais como: saberes e fazeres (DIEGUES, 1983) cosmovisões, (SILVA *et al.*, 2017) etnopedologia, (AUDEH *et al.*, 2011) geoetnografia, (ROCHA *et al.*, 2017) foram essenciais na compreensão das informações ancestrais que enriquecem o interpretar do território pelos sentidos dos ribeirinhos. Os trabalhos de Araújo, *et al.* (2013), Victor (2014) e Pereira *et al.* (2018) são exemplos de reflexões sobre a classificação do solo que partem dos saberes de comunidades indígenas, quilombolas e pesqueiras que subsidiaram a adaptação para o estudo de caso.

Em seguida, realizamos a organização de dados digitais pré-existentes em órgão governamentais como o CPRM (2005), IMA (2011) e a EMBRAPA (2006 e 2008) para compreender as tipologias de solo que ocorrem na área de estudo. Após o reconhecimento teórico da pesquisa, realizamos o trabalho de campo com aplicação de questionários socioeconômicos de maneira aleatória em 46 residências a um representante por família, visando selecionar entre os pescadores e pescadoras, os pescadores/agricultores para as etapas de entrevistas semiestruturadas e caminhadas transversais a partir de critérios apontados por Ataíde (2011), mesclando pescadores mais experientes aos mais novos, entre mulheres e homens, possibilitando a comparação do repasse de saberes, a aprendizagem de fazeres e o universo que une os mais novos e os mais velhos em um sistema simbólico de crenças.. Todo contato com a comunidade foi registrado em forma de diário de campo por meio da geoetnografia como narrado nos trabalhos de Souza (2013) e Rocha *et al.* (2017).

Essa amostragem possibilitou compreender a realidade socioeconômica dos aproximadamente 800 pescadores que moram no território pesqueiro. Os pescadores mais velhos e que desenvolvem atividades em terra foram selecionados para a etapa de roda de conversa, que esclareceu como a comunidade cria suas chaves de identificação para os solos. Nessas trocas de saberes foi possível sistematizar características gerais quanto aos tipos dos etnosolos e seus usos. Nessa etapa foi possível levantar os fatores geoambientais que induzem os pescadores a criar as chaves de classificação, tais como: a altitude, profundidade, porosidade, cor, textura, presença de plantas indicadoras e usos.

Para registrar essas informações e organizá-las de forma didática, as entrevistas foram gravadas, com autorização dos participantes. E as muitas horas de conversas foram transcritas e viraram documento guia de compreensão acerca dos valores e simbolismos que os pescadores, mesmo remando em águas, organizam sobre as dinâmicas e processos sobre a terra no território pesqueiro.

Após o levantamento qualitativo, foi realizada a etapa de validação, chamada de caminhada transversal (ARAÚJO *et al.*, 2013) em que foi possível experimentar a



aplicabilidade desses sentidos na leitura e interpretação dos tipos de solos sob a ótica do pescador. Para tanto, foram identificados sete tipos de solos no território pesqueiro e estes foram visitados, interpretados e descritos com o auxílio dos informantes.

Resultados e discussão

A complexidade da pesquisa em etnosolos consiste em compreender como as chaves de identificação são elaboradas e operacionalizadas a partir do desdobramento da vida cotidiana e distante dos saberes formais acadêmicos. Esses saberes, conforme Diegues (1983), além de garantir a manutenção das ancestralidades de um povo, são mecanismos de instabilidade do discurso da ciência ocidental. As comunidades tradicionais, por meio da sua relação com a natureza produz suas potentes empirias sobre o geossistema onde vivem.

Em estudo de caso na Colônia Z-29 Pereira *et al.* (2018) constataram que a observação e percepção dos aspectos da natureza no sentir dos sentidos dos pescadores não ocorre de maneira fragmentada, por sua vez os componentes da natureza se relacionam de maneira integrada e são verificadas no dia a dia, tanto nos aspectos práticos (*praxis*), como a compreensão do manejo para cada tipo de terra e ambiente (*corpus*), como a sua ligação com os aspectos culturais (*kosmos*), ligadas inclusive, às nomenclaturas das localidades, objetos e outros. São nos esforços teóricos de Toledo e Barrera- Bassols (2010) que fica explícito a compreensão para a produção de saberes tradicionais a partir do complexo K-C-P. Para os autores, as comunidades tradicionais desdobram suas vidas imersos na experiência mística dentro de seus sistemas de crenças que correspondem ao *Kosmos*, como fruto dessas relações complexas e subjetivas ressignificam e produzem um conjunto de saberes próprios que são repassados de geração para geração de maneira oral compondo a esfera do *Corpus*.

Para Toledo e Barrera- Bassols (2010) são nas atividades cotidianas como a caça, a pesca, a extração de minerais, a coleta de sementes e o plantio, dentre outros exemplos, que é possível associar o campo místico e a produção de saberes. São as atividades cotidianas, que correspondem a *Praxis*, capazes de operacionalizar a dinâmica do complexo K-C-P. É na *Praxis* que as formas e os movimentos ganham dimensão mais concreta, sem perder sua subjetividade, e por meio da geoetnografia, discutida por Rocha *et al.* (2017), se torna viável a interpretação e a leitura sobre a classificação, uso e manejo da natureza.

Trabalhos que se utilizam de metodologias participativas para acessar os sistemas simbólicos de Comunidades Tradicionais como o de Toledo e Barrera – Bassols (2010), Audeh *et al.* (2011), Araújo *et al.* (2013) e Victor (2014) levantaram as principais chaves de identificação usando a participação observante da *praxis* dos povos tradicionais. A classificação ganha robusta importância quando nas caminhadas transversais esses saberes são validados. Sendo assim, as caminhadas transversais são momentos de intensa aprendizagem e troca de saberes, justamente por isso não podem ser compreendidas como uma simples atividade de guia, sendo essa mais profunda, uma espécie de entrevista semiestruturada geoespacializada, dinâmica, viva, onde o reconhecer do território articula a fala e o reconhecimento de campo de maneira simultânea. “As caminhadas transversais basearam-se na observação e excursão na área, mediante metodologias fundamentadas no DRP (Diagnóstico Rápido e Participativo), que segundo Alencar & Gomes (2001) consiste em percorrer uma determinada propriedade, bairro



ou comunidade rural, acompanhado de um informante (preferencialmente uma pessoa do local e que conheça bem a região), observando todo o agroecossistema.” (VICTOR, p. 38, 2014).

Após a realização das etapas diagnósticas, como questionário socioeconômico e a seleção dos pescadores/agricultores foram realizadas rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas a fim de caracterizar cada tipo de etnosolo para associação dos relatos com a atividade de campo utilizamos das caminhadas transversais para conhecer e reconhecer o território, localizando os etnosolos e seus usos. Foram catalogados sete tipos de etnosolos, que se diferenciam nos aspectos de fertilidade, textura, cor, profundidade, altitude, localização, plantas indicadoras entre outros aspectos, que se encontram sintetizadas na tabela abaixo.

Tabela 1: Síntese dos tipos dos etnosolos elencados pelos

TIPOS DE SOLOS	CARACTERÍSTICAS	USOS COMUNS	CHAVES USADAS
TERRAS ALTAS	Apresenta-se fértil, com tonalidade de tons escuros, proveniente da concentração de matérias orgânicas e da disposição mineralógica rica em ferro. Segundo os pescadores a umidade proveniente da chuva se dissipa rápido em virtude da alta evaporação. A classe de solo situa-se em altitude pouco elevada sendo uma área de maior trabalho erosivo;	Plantação de milho, feijão e outros alimentos da agricultura de subsistência;	Altitude, Fertilidade, textura, cor.
TERRAS BAIXAS	Apresenta-se fértil em tons que variam na escala do marrom, pois a partir da dinâmica da sedimentação apresenta rica com disposição de nutrientes essenciais para as plantas, permitindo-se assim a atividade agrícola;	Agricultura de subsistência;	Altitude Fertilidade, cor.
TERRA BARRO DE LOIÇA	Apresenta-se fértil com muita argila, sobretudo por concentrar matéria orgânica que fornece o tom escuro do solo, permitindo também a realização da agricultura. Para os pescadores trata-se de um solo com “centro”, ou seja, possui profundidade.	Fabricação de tijolos e agricultura de subsistência;	Textura, cor e fertilidade
TERRA DE JUREMA	Caracteriza-se pela baixa fertilidade e a ocorrência da <i>Mimosa hostilis</i> que é uma espécie florística indicadora. Sua cor predominante é marrom clara, com baixa profundidade (sem “centro”), alaga com baixas pluviosidade, por conta da composição do solo;	Criação de animais;	Baixa fertilidade e planta indicadora.
TERRA SALINA	No dialeto pescador é um solo de “puara”, isto é infértil para atividades de subsistência. Sua cor é esbranquiçada em função do alto teor de salinidade proveniente da água do açude que concentra altas taxas de cloreto de sódio;	Plantação de algodão e coqueiro;	Cor, alta infertilidade e presença de salitre.
TERRA ARIUÇA	Se caracteriza por ser um solo arenoso, de cor clara, muito poroso e constituído por uma grande parte de areia com uma média gramatura;	Plantação de palma;	Estrutura, cor e textura.
TERRA DE PIÇARRA	Constituído por granulometrias que variam do silte grosso à areia e possui cores variadas, (“pilada”, como dizem os pescadores). Verificamos grande quantidade de fragmentos de rochas pequenos;	Plantação de milho, feijão e outros alimentos da agricultura de subsistência;	Textura, estrutura e umidade.

Fonte: Dados de coleta de campo

Elaboração: Pereira *et al.* (2018)



De acordo com a tabela 1, a primeira classificação acionou as chaves relacionadas a variação topográfica do relevo. Os pescadores acreditam que “Terras Altas” e “Terras Baixas” são os dois grandes grupos, de macro classes, de ocorrência de solo na área. As “Terras Altas”, como o nome já diz, se localizam no terço superior do território, onde os processos de erosão são mais intensos que o de deposição. Em virtude de concentrar mais alterações da rocha e pedogênese, apresentam-se pouco profundas e férteis, apesar de os pescadores relatarem uma significativa quantidade de matéria orgânica, observada na cor escura desse solo. Notamos o manejo de algumas culturas de subsistência, como milho, feijão e mandioca.

Em face desses usos, os pescadores atribuem o critério de fertilidade a alguns pontos das “Terras Altas”: [...] A terra do alto é uma terra mais escura. [...] São seco [...] quando ele pega um canto alto ele fica do tamanho [...] Ó o milho que fica (Pescador 01, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).

Por se situarem no terço inferior do território, as “Terras Baixas” são classificadas como férteis, local de posição do material erodido pelo intemperismo e do transporte dos nutrientes e sedimentos que descem com a correnteza da água. Essa classe possui cores variadas e são utilizadas para culturas de subsistência típicas da região:

Ou ne uma ou ne outra, se o tempo for muito chuvoso você vai tirar no alto, na baixa você num vai tirar [...] se o tempo for [...] a chuva for pouca no baixio ele vai dar. Porque é onde corre mais a água [...] Aí a previsão do alto é de sofrer, perder [...] (Pescador 01, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).

A “Terra Barro de Loiça” é considerado o tipo de etnosolo mais fértil do território pesqueiro; em virtude de sua cor ser significativamente escura, detém relevante quantidade de matéria orgânica e nutrientes. Além disso, esse tipo de solo apresenta-se mais profundo em relação às outras tipologias analisadas e maior concentração de argila, o que permite a utilização dele para o uso da construção de telhas e casas de barro.

Tem o barro de teia [telha] [...] A gente chama de Barro de loiça. Tem aqui no terreno de tua tia , ele tem [...] Ele tem. Que eles faz teia, faz tijolo. (Pescador 01, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).



A “Terra de Jurema” foi a única tipologia classificada em que a principal chave de identificação foi a ocorrência de uma espécie vegetal, o que chamamos de plantas indicadoras. A Jurema (*Mimosa hostilis*), como popularmente é conhecida, segundo Azevêdo et al. (2012, p. 152), possui porte arbustivo e tronco lenhoso, sendo típica da região da caatinga; a espécie “é colonizadora de áreas em estado de degradação e de grande potencial como regeneradora de solos erodidos, indicadora de sucessão secundária progressiva ou de recuperação”. Em seu estudo, Azevêdo et al. (2012) especificam que existem vários tipos de *Mimosa*, dando ênfase à Jurema preta (*Mimosa tenuiflora*). Segundo os autores, o desenvolvimento das plantas, em virtude da densidade do solo, fica prejudicado, culminando na resistência mecânica à penetração de raízes, na lenta movimentação de água e nutrientes e na “difusão de oxigênio e outros gases, levando ao acúmulo de CO₂ e de fitotoxinas” (AZEVEDO et al., 2012, p. 152). Para além disso, os autores pontuam que as raízes da estrutura lenhosa se desenvolvem por sistema radicular superficial e horizontal, sendo mal formadas ou tortas.

É, porque a terra de jurema ela não tem centro, se chover muito, ela breja logo, e se fizer qualquer solzinho, ela encasca [...] É a Jurema... agora terra onde tem marmeleiro, perero, terra de caatinga, ela é boa. Agora onde pega jurema, espinheiro branco, ela é fraca [...] Ela num é uma terra apropriada porque ela num dá lavoura, a lavoura dela é muito fraquinha. É, nem dá futuro, a terra se por exemplo que nem essa terra aqui do... Beira do açude aqui, se num adubar ela, plantar o milho, ele num sai, ele fica desse tamanho [...] A cana de milho fica dessa grossurinha, num bota nem a buneca, feijão não dá, então essa terra de jurema, do açude, essa terra aí ao redor do açude [...]. Aqui nessa redor todinha é fraca, mas é melhor ali onde é do prefeito, aquela parte lá é [...] (Pescador 02, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).

Diferentemente do seu entorno, os pescadores, em análise de detalhe, verificaram um subtipo de solo que bordeja todo o espelho d’água. A “Terra Salina” tem cor clara e, como seu nome sugere, uma alta quantidade de cloreto de sódio em sua composição, proveniente da dinâmica de cheia e depósito de sal que vem da água do açude, o que confere a ela pouca fertilidade, pois algumas plantas não resistem à alta concentração de sal. Somente o coqueiro e o algodão foram apontados como alguns dos resistentes a essa salinidade.

[...] Se plantar coqueiro, dá! [...], se plantar [...] vários tipo de coisa, se plantar, ele dá mamão, dá tudo ali, o que se plantar ele dá no beijo d’água [...] Dá. Quanta de fruta dá, agora verdura é difícil, mó da salina da água (Pescador 01, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).

Outro tipo de solo classificado foi a “Terra Ariuça”, que se caracteriza por um solo arenoso, com tonalidade clara, quase esbranquiçada, pois sua estrutura é basicamente composta por areia, friável, com poucos nutrientes e pouca matéria orgânica, além de ser encontrado em riachos e rio, como mostra o pescador. Verificamos que uma das culturas agrícolas mais presentes nesse tipo de solo é a palma forrageira.



[...] Não, ela num tem pedra [...] Ela num tem pedra [...]. Só que ela é assim, no período de muita chuva você num lucra nada, ela pega invernada, né? Aí no alto você tira, se você pegar um tempo meio escasso [...] Que num seja de chuva [...] Aí você vai tirar no baixio e num vai tirar no alto, tem essas duas diferença, se for tempo fraco pra chuva [...] no baixio você pode tirar, se o tempo for muito chuvoso [...] Você vai tirar no alto e num tira na baixa (Pescador 01, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).

A última ocorrência é a “Terra de Piçarra”, sua pedogênese aponta que os processos intempéricos da rocha matriz não foram completos. A presença de calhaus e matacões e a generosa quantidade de rochas silicosas caracterizam esse solo. Apesar da variedade de tamanhos granulométricos (desde a área até os matacões), esse solo pode também possuir uma relevante concentração de matéria orgânica, dependendo da localidade onde é encontrada, que mantém os macronutrientes que estão próximos da superfície do solo devido à baixa intemperização do solo. Nas partes mais enriquecidas de matéria orgânica, verificamos o cultivo de palma, milho e feijão.

[...] É uma terra fina, solta, né, não é uma terra ligada, né. Tipo a piçarra, a piçarra é solta. E barro vermelho é ligado e essa não. Aqui nessa região aqui nossa. Aqui por cima, subindo aqui por trás. Essas terras são todas assim [...] (Pescador 03, Entrevista Semiestruturada, 20/09/2018).

A partir da caracterização das chaves de identificação, foi possível compreender a aplicação do complexo K-C-P no território pesqueiro da Colônia Z-29 no povoado de São Pedro em Jaramataia – Alagoas, associando os etnosolos com seus diversos usos.

Conclusão

A aproximação inicial com a comunidade pesqueira para o reconhecimento de seus saberes e fazeres sobre os etnosolos nos permitiu também verificar, paralelamente, a identidade do pescador que reflete as relações dialéticas entre terra e água discutidas por Kuhn (2009) e Oliveira *et al.* (2017). Como “*pescador não vive só na água como peixe*” (PESCADOR 03, Entrevista Semiestruturada dia 20/09/2018) as cosmovisões sobre os usos e potencialidades do solo fornece mais complexidade para compreensão da categoria pescador.

Ter realizado uma incursão sobre a etnopedologia revelou outros nuances que compõe os território da pesca, pois para além das águas foi possível compreender as dinâmicas relacionadas aos saberes sobre os tipos e uso dos solos frutos da percepção da comunidade tradicional por meio da cosmovisão do pescador, possibilitando a integração da ciência e os saberes e fazeres dos pescadores.



A próxima etapa dessa pesquisa concentrará esforços em mapear com suporte em geoprocessamento, em ambiente de SIG, as ocorrências desses sete etnosolos, gerando uma etnocarta com cartografia participativa de escala de detalhes. Para além disso cabe também realizar oficinas de intervenção sobre manejo e conservação dos solos mantendo sempre a consciência não capitalista de recurso sobre essa natureza que para os pescadores é sagrada.

O estudo nos permitiu observar que as relações entre solo e sociedade vão muito além de relações de trabalho e de produção, aspectos puramente capitalistas. Destacamos as relações íntimas e mística, além das práticas que incentivam a preservação dos recursos geradas pelos pescadores com o solo, firmando sua identidade e seu território.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ana Leônia de et al. Etnopedologia: uma abordagem das etnociências sobre as relações entre as sociedades e os solos. **Ciencia Rural**, Maio 2013, vol.43, no.5, p.854-860. ISSN 0103-8478

ATAÍDE, Marcos Sebastião. A etn-cartografia no Brasil: 10 anos depois. In: **Revista Brasileira de Cartografia (Online)**, v. 037, p. 177-181, 2011.

AUDEH, Samira Jaber Suliman et al.. Qualidade do solo: uma visão etnopedológica em propriedades agrícolas familiares produtoras de fumo orgânico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 6, n. 3, dec. 2011. ISSN 1980-9735. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/9934>>. Acesso em: 31 oct. 2019.

AZEVÊDO, Sócrates Martins A. de et al. Crescimento de plântulas de jurema preta (*Mimosa tenuiflora* (Wild) Poiret) Em solos de áreas degradadas da caatinga. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, v. 9, n. 3, p. 150-160, 26 jul. 2012.

CPRM - **Serviço Geológico do Brasil**. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Jaramataia, estado de Alagoas/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

EMBRAPA – **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Banco de dados pedológicos. Banco de dados vetoriais. 2006.

EMBRAPA – **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Zoneamento agroecológico de Alagoas: levantamento de reconhecimento de baixa e média intensidade dos solos do Estado de Alagoas. 1. ed. Recife: EMBRAPA, 2008. 48 p. (Relatório Técnico).



FARIAS, J. L. N.; OLIVEIRA, M. F. ; VIEIRA, C. E. S. ; NETTO, J. L. M. G. ; SOARES, I. P. . Classificação supervisionada como suporte para o mapeamento do Uso e Ocupação do solo no entorno do território pesqueiro do açude de Jaramataia, Alagoas. In: **VIII Encontro Científico Cultural, ENCCULT**. Santana do Ipanema: UNEAL, 2018. v. 1. p. 1053-1064.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. População. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao.html>>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

IMA – AL- **Instituto do Meio Ambiente de Alagoas**. Dados de solo 2011. Disponível em: <<http://www.ima.al.gov.br/servicos/downloads/download-de-dados-vetoriais/>>. Acesso em: 04 de setembro 2019.

KUHN, Ednizia Ribeiro Araújo. **Terra e água: Territórios dos Pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu – Bahia**. 173f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

MATOS, Laudiceio Viana et al. O conhecimento local e a etnopedologia no estudo dos agroecossistemas da comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos. **Sociedade & Natureza**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.497-510, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320140308>.

OLIVEIRA, Matheus Freitas de; NETTO, João Lúcio de Moraes Gomes; VIEIRA, Carlos Eduardo dos Santos. O saber-fazer e ser pescador artesanal: A produção territorial da Colônia São Pedro de Jaramataia – Alagoas. In: **ANAIS do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária**, Curitiba/PA/Brasil 1 a 5 de Novembro de 2017.

PEREIRA, Jackson Belo et al. A etnopedologia pesqueira dos colonos do Açude de Jaramataia-Alagoas. In: **Anais do VIII Encontro Científico Cultural, Santana do Ipanema, AL**, p. 1120-1128, 2018. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/5b1fba_e4898bf240e24c9db622dd5030ac388f.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

ROCHA, Patrícia Quirino et al.. Uma análise da comunidade tradicional Alto dos Coelhos pelo método geoetnográfico. **Diversitas Journal**, v. 2, p. 284-292, 2017.

SILVA, Mary Anne Vieira et al.. Cosmologias religiosas e suas representações espaciais: As cosmolocalidades sagradas por meio das narrativas orais e literárias. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de (Org.). **Os Outros, Nós Somos NEER (2006-2016)**. 1. ed. Fortaleza: CIA DO EBOOK, 2017. v. 1, p. 529-544.

SOARES, Isabelle Pereira et al. Etnomapeamento participativo na Colônia Z-29 do Povoado de São Pedro, Jaramataia: Dando sentidos aos usos da água do açude. In: **Anais do VIII Encontro Científico Cultural**, Santana do Ipanema, AL, p. 1064-1080, 2018. Universidade Estadual de Alagoas. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/5b1fba_e4898bf240e24c9db622dd5030ac388f.pdf. Acesso em: 14 set. 2019.



SOUZA, A. F. G. de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON et. al.; Glaucio José (Org). **Pesquisa qualitativa em Geografia: Reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: SILVA, V. A. et al. (Org.). Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & **Natureza na América Latina**. v. 1. Recife: NUPEEA, 2010. p. 13-36.

VICTOR, Ringo Benjamin. Etnopedologia como subsídio para o planejamento de uso da terra em assentamento rural de reforma agrária na região do Recôncavo da Bahia- Brasil. 115 f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2014. Disponível em:
https://www1.ufrb.edu.br/pgsolos/images/DISSERTA%C3%87%C3%95ES/2014/Disserta%C3%A7%C3%A3o_SQE_-_Ringo_Benjamin_Victor.pdf. Acesso em: 14 set. 2019.

WILLIAMS & ORTIZ- SOLORIO, Etnopedologia: uma abordagem das etnociências sobre as relações entre as sociedades e os solos, **Ciência Rural**, v.43, n.5, p.854-860, mai, 2013SciELO, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84> acesso em: 28/09/2018.